

XANDU E CESÁRIA VOZ DE UMA CULTURA POPULAR

XANDU AND CAESARIA VOICE OF A POPULAR CULTURE

Erisson Jordan Ferreira Fonseca¹, Helenice Fragoso dos Santos²

Universidade Estadual de Alagoas, e-mail: erisson.fonseca@gmail.com; 2. Universidade Estadual de Alagoas, e-mail: erissonitalia@gmail.com

Resumo - A literatura é mais que uma história inventada, ela apresenta a realidade do cotidiano, da sociedade, nesse contexto, ler a obra de Graciliano Ramos, *Alexandre e Outros Heróis*, é viajar pelo folclore e cultura popular da terra dos marechais. O objetivo deste trabalho é examinar e explorar a produção literária de Ramos, um dos gigantes da literatura alagoana, para assim empreender um esforço de demonstrar a presença de fragmentos da cultura popular e do folclore na obra intitulada “*Alexandre e outros Heróis*”. Para isso foi utilizado como referencial teórico Arantes (2012), Bosi (1992) e Brandão (1982), entre outros. Tratando-se assim, de uma revisão sistemática de ordem bibliográfica. Graciliano utiliza de Xandu e de Cesária, esposa do narrador, para dar vida às memórias, histórias, da sua infância e juventude em Alagoas. Diante disso foi possível observar que a obra de Ramos apresenta traços, manifestações da cultura popular nordestina, do folclore do sertanejo. Logo o casal diz, manifesta e apresenta, ao leitor, símbolos, signos e a realidade cultural de um povo, do homem do sertão, do interior alagoano e nordestino.

Palavras-chaves: literatura; Graciliano; realidade cultural.

Abstract - Literature is more than an invented story, it presents the reality of everyday life, of society, in this context, reading the work of Graciliano Ramos, *Alexandre e Outros Heróis*, is to travel through folklore and popular culture of the land of marshals. The purpose of this paper is to examine and explore the literary production of Ramos, one of the giants of literature in Alagoas, in order to make an effort to demonstrate the presence of fragments of popular culture and folklore in the work entitled *Alexandre e Outros Heróis*. To this end, Arantes (2012), Bosi (1992) and Brandão (1982), among others, were used as theoretical references. Thus, it is a systematic review of bibliographical order. Graciliano uses Xandu and Cesária, the narrator's wife, to bring to life the memories, stories, of his childhood and youth in Alagoas. In view of this, it was possible to observe that Ramos' work presents traces, manifestations of popular northeastern culture, of the folklore of the countryside people. Thus, the couple says, manifests and presents to the reader symbols, signs, and the cultural reality of a people, of the man from the backlands, from the backlands of Alagoas and the Northeast.

Keywords: literature; Graciliano; cultural reality.

Introdução

Em meios aos estudos sociais, enquanto a sociologia busca descrever a sociedade e as culturas, é possível encontrar uma fonte nova para estudo da sociedade, os textos literários, a literatura se utiliza do contexto externo, da realidade, para expressar de forma poética a vida. Como apresenta Moisés (1970)

A arte literária [...] não se reduz apenas a uma forma banal de entretenimento. Quando é entretenimento, é-o duma forma superior, visto que o jogo e a arte jamais se separam. Entretanto, mais do que forma elevada de recreação, a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens: dotada duma séria “missão”, ela colabora para o desvendamento daquilo que o homem, conscientemente ou não, persegue durante toda a existência. E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço contínuo de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar à parte, enquanto ficção expressa por palavras de conteúdo múltívoco. (MOISÉS, 1970, p. 28)

A arte literária vai além de uma história inventada, ela traz uma realidade do cotidiano, da sociedade, “o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através dos fatos criados pela ficção” (Pesavento, 2006, p. 12). Na literatura o escritor dar vida as suas memórias, as suas visões da infância, juventude e velhice.

Assim, tomando como objeto de estudo a obra “Alexandre e Outros Heróis” de Graciliano Ramos, considerado um dos maiores nomes das letras da terra dos mearcos. Pois a literatura apresenta essa realidade do cotidiano, fazendo que o objetivo seja empreender um esforço de investigação no que diz respeito aos aspectos da cultura popular em tal obra. Nessa tentativa se busca compreender o sentido de cultura popular, para assim extrair da obra fragmentos que demonstrem a presença de símbolos e manifestações culturais do homem do interior alagoano, individuo protagonista da investigação.

Portanto, tentar-se-á entender com a obra Alexandre e Outros Heróis estabelece o fenômeno de ficcionalização de aspectos da cultura popular na produção de Graciliano Ramos. Tendo com referencial teórico Arantes (2012), Bosi (1992) e Brandão (1982), no quesito da cultura popular, no qual esses três autores nortearão as pesquisas em tal campo. De maneira geral, as discussões acerca da cultura popular e folclore na obra Alexandre e Outros Heróis, enriquece o debate sobre a presença desses atos na literatura alagoana, mas também abrindo porta para o debate em toda a literatura.

Graciliano Ramos

O sertão é rico de uma cultura exuberante, dono de histórias únicas, de cenários que ficam gravados na memória, de um povo forte e guerreiro. É na “porta” desse sertão que nasce e se cria um dos maiores escritores brasileiros, Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo-AL, vive sua primeira infância na cidade pernambucana de Buíque, localizada na região de divisa entre o agreste e o sertão pernambucano.

Ramos era filho de comerciantes, que descendiam de proprietários de terras, sua mãe, dona Maria Amélia Ferro e Ramos, o teve com quatorze anos, o pai, Sebastião Ramos de Oliveira, tinha trinta e oito anos, e Graciliano era o filho mais velho dentre os dezesseis filhos do casal. Após morar em Buíque a família de Ramos se muda para Viçosa-AL, onde ele começa sua vida de contatos com as letras, escrevendo aos onze anos seu primeiro conto. Por falta de escolas com séries compatíveis ao ginásio, o escritor se muda para Maceió, para estudar no Colégio Quinze de março, que funcionara como colégio interno. Em Maceió, paralelos aos estudos regulares escrevia poemas e sonetos. Ao terminar os estudos é convocado pelo pai para ir morar com ele em Palmeira dos Índios, onde Sebastião tinha adquirido um novo comércio.

Foi lá, em Palmeira dos Índios, ainda na década de 1920, que José Lins do Rego o conheceu. Viajando numa comissão de literatos, em dada altura, foi apresentado a um “sertanejo quieto de cara maliciosa”, que falava com grande conhecimento de Balzac, de Zola e de Flaubert. (Marques, 2017, p. 24)

Aos vinte e dois anos, o autor se muda para capital Federal, o Rio de Janeiro, berço efervescente da cultura da época, porém permanece em solo fluminense por pouco mais de um ano, retornando a cidade de Palmeira dos Índios em razão da morte de alguns de seus familiares, vitimados pela peste bubônica.

Nessa sua volta a cidade de Palmeira dos Índios, Graciliano, se afasta um pouco da literatura, ocupa alguns cargos na administração pública, e em 1927 é eleito prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que ocupa de janeiro de 1928 a março de 1930, quando é nomeado, pelo governador Álvaro Paes, para assumir a Imprensa Oficial de Alagoas, ocupando o cargo até dezembro de 1931. Em 1936 o autor é preso pelo governo Vargas.

É na década de 1930 que o autor publica seus romances, em seis anos Graciliano publicou Caetés, em 1933, São Bernardo, em 1934, Angústia, em 1936, e Vida Secas, em 1938. Na

década de 1940, até seu falecimento, ele publica outros tipos de gêneros literários, nesse período publica obras como, Histórias de Alexandre, em 1944, Infância, em 1945, e Memórias do Cárcere, em 1953.

Contexto da Obra

Na obra Alexandre e outros heróis de Graciliano Ramos, publicada pela primeira vez em 1944, originalmente Histórias de Alexandre, porém republicada em 1962, nove anos após o falecimento do autor, com outros dois novos textos incorporados ao livro, A terra dos meninos pelados e pequena história da República, e com seu novo título. Entretanto, como apresenta Azevedo (2014), o autor teria inscrito a obra em 1938 a 1939, assim, a criação dos contos de Alexandre e outros heróis “coincide com a criação de Infância – 1938 a 1944” (Monteiro Filho, 2013, p. 9). Todavia, tal obra não foi muito comentada pela crítica da época, tendo apenas pequenos destaques sobre sua publicação, algo de se estranhar comparado ao destaque dado a outros livros de Graciliano publicados no mesmo período, além do mais Ramos era considerado por muitos o maior romancista brasileiro vivo da época.

“Histórias de Alexandre, ainda que publicado em momento criativo privilegiado de Graciliano, momento este em que seu prestígio como escritor garantia visibilidade e interesse para seu trabalho, foi praticamente ignorado pela imprensa literária, habituada a saudar com entusiasmo ou, ao menos, registrar prontamente os lançamentos dos escritos de sua lavra. É possível afirmar também que o livro permaneceu cercado de indiferença no que diz respeito aos estudos literários, sobretudo quando se leva em conta a dimensão do interesse despertado pela obra do autor alagoano.”(Monteiro Filho, 2013, p. 19-20)

Mesmo sem grande destaque na época, o livro se tornou um dos mais vendidos do autor, com adaptações para televisão, algo interessante é o que o Graciliano apresenta logo no início da obra “As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas.” (RAMOS, 2015: p. 7). Assim, Graciliano deixa claro que tal obra retrata histórias do folclore nordestino, histórias estas que ele talvez tenha escutado na sua infância e adolescência.

A obra está dividida em 16 histórias, sendo que as duas últimas histórias foram adicionadas posteriormente a primeira publicação da obra, como já citado, sendo que na maioria

das histórias Alexandre as narra, sempre acompanhado de sua esposa Cesária, tendo geralmente como telespectadores: Seu Libório, o cego preto Firmino, mestre Gaudêncio e Das Dores.

As duas outras histórias, que foram adicionadas não fogem do estilo dos causos contados por Alexandre e nem do estilo de outras obras de Graciliano, no primeiro, décima quinta história, o personagem principal é Raimundo, que semelhante a Alexandre se utiliza da imaginação, semelhante ao esposo de Cesária, Raimundo tem diferença congênita, se Alexandre tem um olho torto, o personagem nasceu com a cabeça pelada e com um olho preto e outro azul, por isso cria um mundo imaginário, para fugir da perseguição e do bullying sofrido por sua diferença diante dos demais; Alexandre da mesma forma cria um mundo imaginário com seus causos, se colocando na figura de herói, onde sua diferença congênita seria em resultado de uma de suas aventuras, narrada, a busca pela égua pampa. O segundo, Ramos narra a queda do império e a evolução da chamada República Velha, porém não uma simples narração, mas de forma irreverente, nesse texto ele descreve sobre fatos históricos desse período, buscando sempre apresentá-los com seu olhar social e político.

Cultura Popular

A cultura é apresentada por Ruth Rocha em seu Minidicionário da Língua Portuguesa como um “conjunto de conhecimentos adquiridos”, no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Michaelis, como “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social”. Assim é notável que a cultura é algo adquirido, algo que é absorvido pelo indivíduo, que apreende do seu meio de convivência traços característicos desse.

Bosi busca dividir a cultura em dois campos, a cultura acadêmica (erudita) e a folclore (popular), nisto ele apresenta a cultura popular como “basicamente iletrada, que corresponde às maiores matérias e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna” (1992, p. 308). A cultura popular para Bosi está ligada as manifestações e representações simbólicas do homem simples, daqueles que apresentam sua arte, religiosidade e pensamento de maneira particular e concreto da sua região.

A cultura popular é aquilo que representa seu povo, são símbolos e sinais que caracterizam aspectos de uma sociedade. São músicas, danças, escritos, religiosidade, lendas,

entre outros, que nascem do agir, da praxe, de um povo, retratando a imagem deste, dando vida e ação a seus costumes e práticas.

Discussões

Nos capítulos da obra Graciliano expressa características do sertanejo, como as santas Missões populares, romarias, a alimentação feita pelo homem do sertão, invocação de entes religiosos, entre outras. A linguagem da obra representa uma realidade cultural do Nordeste, portanto uma “língua” regional e particular, principalmente da região onde Ramos viveu, cresceu e escreveu muitas de suas obras, a cidade de Palmeira dos índios, conhecida como a Princesa do Sertão.

O Velho Graça foi criado no meio dos sertanejos, ele descreve seu avô materno como um desses homens, que utiliza perneiras, gibão e chapéu de couro, um homem do sertão, com vestes comuns do vaqueiro sertanejo.

Meu avô materno, alto, magro, de cabelos e barba como pasta de algodão [...] De perneiras, gibão e peitoral, as abas do chapéu de couro, repuxado para a nuca, a emoldurar-lhe o rosto vermelho, impunha-se. A voz lenta, nasal, pigarreada pelo excesso de tabaco, rolava com um ronrom descontente que nos arranhava os ouvidos, depois se insinuava, se adocicava, tomava a consistência de goma. Tínhamos a impressão de que a fala ranzinza nos acariciava e repreendia. Os gestos eram vagarosos. Homem de imenso vigor, resistente à seca, ora na prosperidade, ora no dismantelo, reconstruindo corajoso a fortuna, em geral não se expandia. (Ramos, 2012, p. 23)

É nesse contexto que Graciliano é criado, na obra Alexandre e Outros Heróis ele apresenta esse cenário, o seu lugar de infância, as histórias a quais guardou na memória.

Em toda obra de ficção, há sempre vestígios da experiência do autor. A obra de Graciliano Ramos não foge à regra, como aponta o crítico Ubireval Alencar, no seu livro Graciliano Ramos e a fala das memórias. Entre os traços identificados pelo crítico, destacam-se a catarse e o sentimento de autocrítica. [...] No decorrer das histórias, algumas marcas da infância e da fase adulta de Graciliano são reinventadas no texto. A reconfiguração de dados retirados do mundo-da-vida confirma também a necessidade do escritor de alcançar o processo de afirmação pela escrita literária. (Cavalcante, 2010, p. 92)

A cultura Popular é expressa na obra, o folclore nordestino é apresentado em toda obra, o autor dar vida a suas memórias, dando forma a realidade do sertanejo, de histórias até então

guardadas e escutadas somente no interior do Brasil, ele coloca os personagens de “seu convívio” como centro de uma história, de um enredo, ele faz imortais suas memórias, registrando-as em seus escritos. Já na apresentação dos personagens podemos enxergar tais traços, como o cantador de embolada, Libório, e o curandeiro, mestre Gaudêncio, “que rezava contra mordeduras de cobras” (RAMOS, 2015: p. 15). O cantador de embolada e o curandeiro, fazem parte da cultura popular nordestina, com seus versos o cantador canto o coco ou os repentes, e o curandeiro, na crença popular, é “o que cura por meio de rezas e feitiçarias” (Ferreira 1993, p.157). Em histórias com a da égua pampa, que na verdade era uma onça; do papagaio falador, que virou missionário; da guariba que fumava cachimbo, e apronta com Alexandre, que recorda ao leitor lenda do saci; entre outras histórias narradas por Alexandre, se pode enxergar a manifestação do regionalismo nordestino.

Em “Alexandre”, não se trata de desenterrar um diário, confissão ou correspondência trocada entre amantes secretos, mentira pela primeira vez posta em circulação, num estratégia cuja finalidade era evocar o sonho, esboçar o mistério, inculcando no leitor a impressão de vaguidão, de indeterminado e de profundidade de um mundo ainda de precários meios de comunicação e informação e, portanto, de limites muito desconhecidos. O alter-ego de Graciliano, que comparece nas duas páginas supostamente anteriores ao relato principal, anuncia o conteúdo do que se vai ler, um conjunto de histórias não originais por ele coletadas, insiste em dizer, que circulavam oralmente no mundo nordestino. (MOURÃO, 2011, p. 190)

Os contos são ricos em expressões populares, Ramos se utilizando do narrador, contador de histórias, o velho Alexandre, busca apresentar a cultura do sertanejo, a qual teve contado na sua infância e juventude, ele busca registrar a cultura presenciada por ele de forma oral. Alexandre é um contador de história, narra suas histórias com a ajuda de sua esposa Cesária, ele alumia o imaginário do leitor com seus contos, preservando a cultura e as tradições populares em suas narrações. Onde quando Cesária aconselha o esposo a plantar mandioca, para fazer farinha:

O conselho era tão razoável que, por mais que eu saltasse para um lado e para outro, acabava sempre naquilo: não havia nada melhor que uma plantação de mandioca, porque estávamos em tempo de seca braba, a comida vinha de longe e custava os olhos da cara. Íamos ter farinha a dar com o pau. Sem dúvida. E plantei mandioca. Endireitei as cercas, enchi a vazante de mandioca. (Ramos, 2015, p.61)

Assim, autor, por meio de Alexandre, traz a triste realidade vivida por muitos nordestino, a seca, mas vai além disso, ele apresenta como o sertanejo busca a solução para fome, a farinha de mandioca, uma comida típica do nordeste. Num outro trecho ele recorda as santas missões;

lembrei-me de uma santa missão feita dois anos antes, na cidade. Seu bispo falava no céu, no inferno, no purgatório. E quando se atrapalhava, pegava o rosário, dizia aquilo mesmo: — “Padre nosso, que estais no céu...” Um cento de beatas, ajoelhadas na grama, respondia com vontade: — “Santa Maria, mãe de Deus...” (Ramos, 2015, p.76)

Uma característica marcante da fé nordestina no Século XX, foi as Santas Missões populares, a mais famosa dessas missões se iniciou com a chegada do frade capuchinho Damião de Bozzano ao Nordeste, em 1931 Frei Damião desembarca em Recife vindo da Itália, logo o frei parte para o interior de Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba, evangelizando e ensinando sobre a fé católica. Além das Santas Missões, o trecho nos recorda essa espiritualidade nordestina, que é marcada por diversos fenômenos, como as romarias, sendo a mais famosa a de Juazeiro no estado do Ceará, que reúne devotos de todo Nordeste, as procissões em honras aos padroeiros das comunidades.

Outra imagem retratada na obra é o da vaquejada, esporte onde o objetivo é a derrubada do boi, num dos trechos Alexandre narra “numa vaquejada que houve na fazenda vieram todos os vaqueiros daquelas bandas” (Ramos, 2015, p.30-31). Em outro trecho ele diz que o seu “casamento foi pouco depois da vaquejada” (Ramos, 2015, p.37).

Como apresenta Brandão (1982) o fator folclórico é constituído de como um povo pensa, agi, como as suas tradições são preservadas, os contos de Alexandre transmitem essa tradição, como na fala “[...] mastiguei um punhado de farinha seca, um pedaço de carne de sol e uma rapadura, rezei minhas orações, tirei as botas e espichei-me na areia” (RAMOS, 2015: p. 68), onde ele apresenta características do povo do Nordeste, com comidas e ações populares do homem do interior nordestino, ou em outras tantas falas, que relembram as romarias de santos, as Santas Missões populares, as vaquejadas, entre outras atividades populares do sertanejo nordestino.

Considerações

A literatura alagoana é fonte de grandes escritores, entre esses nomes ilustres se encontra Graciliano Ramos, em sua obra Alexandre e outros Heróis, ele apresenta aportes da cultura

popular, trazendo para o leitor sua visão sobre o homem interiorano, ao qual o autor conviveu na sua infância e juventude. Alexandre em seus contos narra suas histórias, por vezes mirabolantes, mas sempre com os traços do Nordeste de Graciliano, como o próprio escritor narra em sua obra “As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas” (RAMOS, 2015: p. 7).

Assim, Bosi apresenta que a cultura popular “corresponde às maiores matérias e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano” (1992, p. 308), Alexandre é esse homem, um sertanejo que veste “o guarda-peito e o gibão, cobri-me com o chapéu de couro” (RAMOS, 2015: p. 85), que conta suas aventuras, que por várias vezes se confunde com as lendas do folclore nordestino e com as histórias das cantigas de cordéis.

Por fim, na obra de Ramos encontramos traços, manifestações da cultura popular nordestina, do folclore do sertanejo, e como afirma Brandão, “o folclore é sempre uma fala. [...] O folclore são símbolos. Através dele as pessoas dizem e querem dizer” (1982, p. 107). Como o Velho Graça descreveu ao jornalista Joel Silveira, “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer” (Ramos, 2014, p. 7), logo Alexandre diz, manifesta e apresenta, ao leitor, símbolos e a realidade cultural de um povo, do homem do sertão, do interior alagoano e nordestino.

Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- AZEVEDO, Carlos Benites. **Vozes e saberes da cultura popular em Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos: do imaginário do contador à recepção de seus ouvintes** / Carlos Benites de Azevedo. - Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345: Culturas brasileiras e culturas brasileiras.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é folclore**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CAVALCANTE, Simone. **Literatura em Alagoas: Ensino médio e vestibular**. Maceió-AL: Scortecchi/Grafmarques, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 136p.
- MARQUES, Ivan. **Para Amar Graciliano Ramos: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra**. Barueri-SP. Faro Editorial, 2017.
- Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca>>. Acessado em 02/03/2022. ISBN: 978-85-06-04024-9 © 2015 Editora Melhoramentos Ltda.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- MONTEIRO FILHO, Edmar. **O major esquecido: Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos** / Edmar Monteiro Filho. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

- MOURÃO, Rui. **Procura de caminho**. In: RAMOS, Graciliano. Alexandre e outros heróis. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 189-204.
- PESAVENTO, S. 2010. **História & Literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo Mundos [Em línea] Nuevos, Debates, 2006.
- RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- _____. Conversas (orgs. Ieda Lebebsztayn e Thiago Mio Salla). Rio de Janeiro: Record, 2014.
- _____. Infância. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- RAMOS, Ricardo Filho. Graciliano Ramos: adulto e infantil. **Revista Fronteiraz**. nº 11, p. 89-103, dezembro de 2013.
- ROCHA, Ruth. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2005.